

Ateliermob

«O grande desafio pelo qual todos passamos é o crescimento»

LUÍS SANTIAGO BAPTISTA
PAULA MELÂNEO

O Ateliermob, coordenado por Tiago Mota Saraiva e Andreia Salavessa, tem respondido com convicção e entusiasmo aos novos desafios disciplinares. Consciente das dificuldades e desigualdades profissionais, este atelier investe nas margens da oportunidade, fazendo das fraquezas do contexto actual as suas próprias forças. A diversificação do campo de trabalho, o papel proactivo na captação da encomenda e a exploração das plataformas de comunicação são disso claros exemplos.



arqa: Qual a vossa perspectiva da arquitectura portuguesa contemporânea? Sentem que existem diferenças geracionais no nosso contexto disciplinar? Se sim, como e onde se manifestam?

Ateliernob: Parece-nos que existe uma imagem do que é a “arquitetura portuguesa contemporânea” que nada tem a ver com a realidade. Isso manifesta-se nas exposições de “arquitetura portuguesa” e nas representações oficiais. Tudo o que não se inscreve na referida imagem, tende a ser ignorado e silenciado. O que se passa com as gerações mais novas é que a relação mestre-aprendiz desapareceu e as afinidades de percursos esbateram-se. Os programas de intercâmbio de estudantes e jovens trabalhadores desvaneceram fronteiras e possibilitou cruzamentos. A massificação e democratização do acesso à profissão, e mais tarde a crise, criaram condições extraordinárias para a prática da profissão. Se continuamos a pensar que há uma identidade comum que nos permite ainda falar de “arquitetura portuguesa” essa nada tem a ver com a imagem que dela é projectada. Essa identidade talvez se manifeste pela carência de meios, pela procura de uma certa simplicidade e pela ambição de transformação social. Aliás, parece-nos que este último aspecto está a fazer emergir uma série de novos ateliers e projectistas interessantíssimos que, curiosamente, estão muito mais relacionados com uma arquitectura de intervenção dos anos 60/70 (ainda que dela se afaste em termos de imagem) do que com as arquitecturas de continuidade do final do séc. XX.

arqa: Como definem o vosso posicionamento disciplinar e programa arquitectónico, tendo em conta o actual panorama geral da arquitectura contemporânea? Que papel pode ter a vossa actividade como arquitectos?

Ateliernob: Nós inscrevemo-nos nos que querem tomar uma parte activa na transformação social. Ou seja, interessa-nos trabalhar para melhorar a vida das pessoas. Interessa-nos muito menos participar em processos cujo centro é a criação de uma mais valia financeira. Sempre trabalhámos em crise e sempre tivemos de trabalhar muito para conseguir ter trabalho. Ora isto faz com que, no momento em que as empresas estão a despedir, nós estejamos a contratar e a estimular parcerias com outras realidades. Até certo ponto, a nossa crónica falta de recursos tem-nos impermeabilizado contra a crise. Por outro lado, parece-nos que a actual situação política e económica do país fará com que os ateliers com que partilhámos este posicionamento disciplinar, sejam fulcrais. Ou seja, a realidade está a colocar-nos no centro da solução. Oxalá tenhamos força para fazer o que podemos.

arqa: Que filiações ou influências marcaram o vosso percurso formativo e profissional? Como é que elas se manifestam na vossa produção arquitectónica?

Ateliernob: Para a pergunta das influências nunca encontramos resposta. O ateliernob tem sido construído por cada um que nele tem participado. É, por isso, palco de inúmeras influências. Filiações sentimos-las com todos os que sentimos próximos do nosso posicionamento



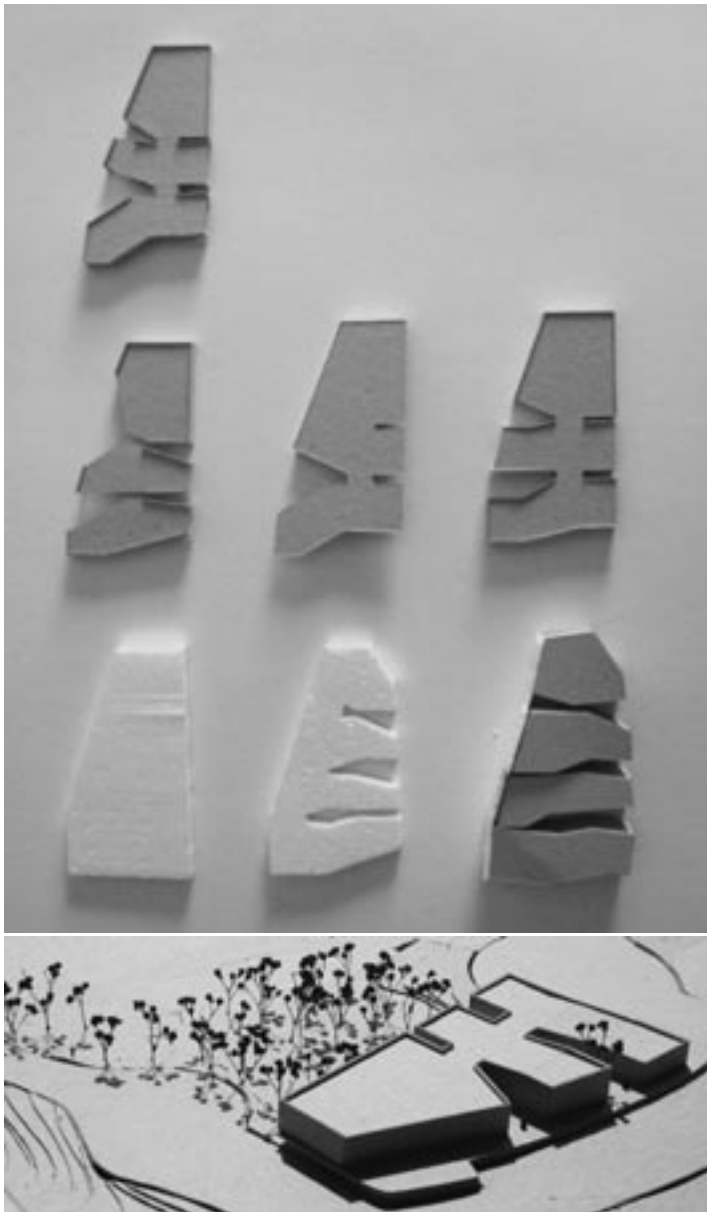
Intervenção para o Festival de Arquitecturas Vivas 2009, Montpellier

disciplinar. Celebramos as vitórias dos Moov e do Atelier Data, em Dallas, ou das Blaanc e do João Caeiro, nos concursos da “Architecture for Humanity”, os prémios do Paulo Moreira ou da Maria Moita, cada projecto dos Plano B ou a The Informal School of Architecture (TISA), dos Urban Nouveau*, entre tantos outros. Os seus sucessos estimulam e reforçam a ideia que há uma nova geração de arquitectos que está farta de esperar e que quer participar na resolução dos problemas que nos afectam.

arqa: Qual a vossa posição perante a realidade produtiva, económica e social em que intervêm? Quais os grandes desafios por trás da vossa abordagem arquitectónica?

arqa: Que áreas de trabalho e tipos de encomenda vos motivam? Como estabelecem e gerem as vossas opções profissionais tendo em conta a sustentabilidade do atelier?

Ateliernob: O grande desafio pelo qual todos passamos é o crescimento. Neste momento, em Portugal temos tudo contra. Mais



Projecto do Concurso para o Centro Náutico de Abrantes, 2009

impostos, menos oportunidades para as micro e pequenas empresas, menos obras e investimento, um processo absurdo de emigração dos mais qualificados e uma situação social à beira da ruptura. Ou seja, temos o caixão feito à nossa espera. A nossa solução, a curto prazo, tem de ser trabalhar para fora de Portugal. É aí que estamos a investir. Mas a nossa estratégia não passa pelos mercados comumente identificados como *el dourados*, onde circula muito dinheiro e o novo-riquismo impera. Por

outro lado, no dia em que cair o último plano de austeridade e em que se voltar a pensar nas pessoas e reconstruir o país, cá estaremos.

arqa: Porque optaram por um nome colectivo para o vosso atelier? O que significa e o que pretende comunicar essa designação?

Ateliernob: A prática de arquitectura tem cada vez menos a ver com a ideia de um arquitecto autor, Demiurgo, que tudo decide. As exigências técnicas, a complexidade dos programas e dos projectos ou os tempos para a sua execução tornam fundamental o trabalho de equipa. Agora que deixámos os estiradores para trabalhar com x-ref's até a autoria de uma peça desenhada passou a ser colectiva. Em nosso entender, não faria grande sentido intitularmo-nos atelier da Andreia ou do Tiago. Sempre pensámos que declararmo-nos como *the mob* podia ter algum mercado em Portugal.

arqa: Seja entre vocês como colectivo, seja com colaborações externas ou projectos paralelos, como caracterizam a vossa forma de trabalhar? Que contactos e redes de investigação procuram estabelecer?

Ateliernob: Uma das coisas que mais apreciamos na arquitectura é a sua capacidade intrínseca de conviver com as mais diferentes áreas profissionais. Isso faz com que o atelier seja um excelente pretexto para cruzamentos com pessoas com quem gostamos ou gostaríamos de trabalhar. Recentemente sucedeu promovermos um consórcio português para um concurso de um museu em Copenhaga, com a *experimenta design* – com quem gostamos de trabalhar –, e com a *ydreams* – com quem gostávamos de trabalhar. Consideramos fundamentais as conversas com a Dalila Rodrigues no concurso para um museu municipal ou as entrevistas que a Filipa Ramalheite promoveu para a elaboração do projecto do cemitério de Moura nas quais tivemos oportunidade de conhecer as formas de culto aos mortos de diferentes religiões. Isto para já não falar na importância que a *Betar*, empresa de engenharia civil com que trabalhamos desde sempre, tem nas nossas soluções de projecto. Por outro lado, nos projectos com crianças tem sido fundamental o trabalho com a Marta Silva (dança) ou com a Madalena Marques. Na exposição da Geração Z encontramos mais um pretexto para trabalharmos com outros criadores. Entretanto há anos que temos vindo a adiar parcerias com ateliers estrangeiros que nos contactam para fazermos colaborações em concursos. Talvez suceda alguma coisa em 2012.

arqa: Como se desenvolve o vosso processo criativo? Que questões e instrumentos projectuais privilegiam?

Ateliernob: Ainda não temos tempo suficiente de actividade para conseguir encontrar um padrão de desenvolvimento do processo criativo. De qualquer forma há uma ideia que nos parece essencial: não há um instrumento de projecto superior. A arquitectura é uma actividade, primordialmente, intelectual. A partir daí, os instrumentos de comunicação e de projecto devem adaptar-se (e não o contrário) à ideia que temos. Procuramos usar o instrumento de projecto que melhor nos serve, em cada momento, para materializar uma ideia. Não endeusamos nenhum em especial.

Nós inscrevemo-nos nos que querem tomar uma parte activa na transformação social. Ou seja, interessa-nos trabalhar para melhorar a vida das pessoas. Interessa-nos muito menos participar em processos cujo centro é a criação de uma mais valia financeira. Sempre trabalhámos em crise e sempre tivemos de trabalhar muito para conseguir ter trabalho.



Reabilitação de águas furtadas em Lisboa, 2010

arqa: No âmbito do nosso mundo mediatizado, como entendem e desenvolvem as práticas de divulgação do vosso trabalho? Que plataformas e meios privilegiam? Qual o vosso entendimento do papel da imagem na arquitectura actual?

Ateliernob: O ateliernob constituiu-se no final de 2005. Contudo já havia algum trabalho realizado em comum. Inicialmente não tínhamos meios para fazer um *site* e decidimos fazer um *blogue* de uma forma amadora, para colocar o nosso trabalho rapidamente *online*. Assim que tivemos o *blogue* começámos a perceber que, quanto mais interactivo fosse, maior era o seu potencial. Passámos a vê-lo como uma forma de mostrar a nossa prática, processo e hesitações, sem receio que isso secundarizasse o trabalho. Contemporaneamente começámos a perceber que o *blogue* tinha muitas visitas e que se poderia transformar num instrumento de divulgação de outros ateliers que nos interessavam. Em 2007 ganhámos o prémio do melhor *blogue*, na área empresarial. E em 2008, a *PT*, propôs-nos passarmos para o universo *Sapo*, assegurando-nos a logística e programação que fazíamos de uma forma amadora. Mas todas as redes sociais nas quais estamos (*blogue*, *facebook* e *twitter*) têm sido fundamentais para a nossa divulgação fora de Portugal. A nossa arquitectura não entra na maioria das escolhas de quem promove a arquitectura em Portugal mas, ao mesmo tempo, somos dos ateliers

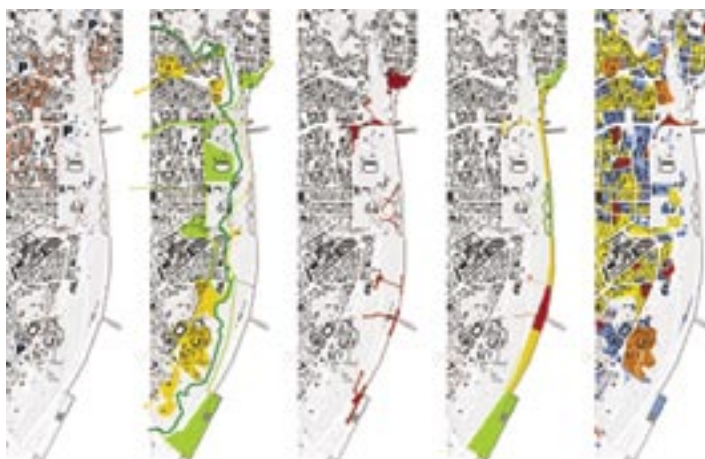


Casa em Cesaredas, 2011

portugueses mais publicados fora de Portugal. E isso devêmo-lo às redes de comunicação que criámos. Sempre que fazemos um comunicado de imprensa por ocasião de um projecto terminado, 4 em 5 pedidos de publicação, são de fora de Portugal. Se anunciamos uma conferência em Barcelona ou em Toronto, isso faz com que, quem acompanha o nosso trabalho, vá assistir ou combine jantar connosco. Muitas oportunidades começam assim.

arqa: Como (ante)vêm o vosso atelier, a vossa actividade e a vossa arquitectura daqui a dez anos?

Ateliernob: Vemo-nos com um pé em Portugal, a trabalhar na correcção de todos os males que têm feito ao país nestes últimos 30 anos, e outro lá fora onde formos precisos e onde nos quiserem. ■



Concurso Internacional no âmbito do Euro 2012, Kiev, 2011